

# Mais\*

## CERIMÔNIA RESTRITA REUNIU APENAS PREFEITO, GOVERNADOR E AUTORIDADES DIANTE DO PAVILHÃO

Carros da Cabocla e Caboclo não desfilaram, mas saíram do pavilhão



MARINA SILVA

## Devoção, máscara e teimosia ao pé do Caboclo

**Apesar** da pandemia, alguns baianos foram à Lapinha ver ato cívico do 2 de Julho

Gil Santos e Daniel Aloísio\*

REPORTAGEM  
redacao@correio24horas.com.br

O Dois de Julho é popular há mais de 190 anos, assim como a própria luta, em 1823, teve grande participação do povo. Mas, em 2020, em vez do cortejo colorido e alegre que toma conta das ruas de Salvador, a pandemia de covid-19 fez todo mundo rezar ao pé do caboclo mais em espírito do que em corpo presente. Mesmo assim, a cerimônia simbólica realizada, ontem, diante do Pavilhão da Lapinha onde são guardados os carros do Caboclo e da Cabocla, teve a presença de quase 100 baianos que - por devoção e um pouco de teimosia -, assistiram ao evento por detrás das grades que isolavam o monumento aos heróis da Independência.

O evento teve as presenças do prefeito ACM Neto e do governador Rui Costa, além de outras autoridades. A Lapinha, no entanto, não

**100**  
pessoas foram contadas pela reportagem em uma calçada da Lapinha para ver o ato cívico

**197**  
anos da independência foram celebrados

lembrava nem de longe as ruas cheias para celebrar uma das principais festas da Bahia. Nada de fanfarras e estuantes de uniforme. Nada de gente fantasiada dos heróis da independência. Nem da multidão atrás dos caboclos. Os carros até deixaram o barreiração, mas não teve desfile.

Esse ano teve hino, hasteamento das bandeiras do Brasil, da Bahia, e de Salvador e a deposição de flores no monumento ao General Labatut, em homenagem àqueles que deram a vida pela liberdade do povo baiano.

O governador Rui Costa comparou a luta de 1823 com o cenário atual da pandemia: "Essa é uma festa importante. Em 1823, a independência do Brasil se materializou, se concretizou aqui na Bahia. E no Brasil de hoje vivemos outra batalha, a luta contra um ser invisível que a ciência ainda busca explicar o seu modus operandi. Essa é uma batalha que tem sido longa demais e infelizmente o Brasil não escolheu a estratégia

correta contra o vírus".

Apesar da prefeitura ter pedido para as pessoas ficarem em casa e ter avisado que o acesso seria proibido no Largo da Lapinha, teve gente que desrespeitou as normas em nome da fé. A mudança no clima das celebrações chamou a atenção do prefeito ACM Neto. "Todos nós estamos acostumados no Dois de Julho a atravessar a praça em direção ao monumento do General Labatut no meio de uma multidão. Sair da Lapinha em direção à Praça da Sé ou ao Terreiro de Jesus no meio de uma multidão".

Neto disse ainda que o ato simbólico foi uma forma de respeitar o povo no atual cenário de pandemia. "Nesse momento, nós todos, eu, o governador e todas as autoridades que estão aqui, pretendemos com esse gesto simbólico mostrar que a forma da gente melhor homenagear a todos que lutaram ao longo de toda a história pelo nosso estado e pela nossa cidade é respeitando a distância e entendendo que nesse momento a proximidade pode matar".

Os presidentes da Assembleia Legislativa da Bahia (Alba), Nelson Leal, da Câmara de Vereadores, Geraldo Júnior, e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), Eduardo Morais de Castro, também participaram da solenidade.

### MORADORES E VISITANTES

A maioria das pessoas que foram ao cortejo eram moradores da própria Lapinha, mas nem todos. Teve gente que saiu de longe para demonstrar sua fé, civismo ou protesto, como tradicionalmente acontece nos anos normais. Esse é o caso de Jackson Simões, 48 anos, que se apresentou como Pai Yoyó, babalorixá do terreiro Dandamutalé, no Matatu de Brotas. Para ele, a cerimônia tinha que ter a presença de lideranças populares. "Não dava para ser como antes, mas penso que seria importante a presença de lideranças individuais de algumas religiões para representar o povo", disse.

Iara Argolo, 66, vestiu verde e amarelo, tanto na camisa como na máscara. "Eu sou tradicional, nascida e criada na Lapinha. Todo ano venho com essas cores", disse. Ela carregava um ramo na mão, para colocar no carro do Caboclo, o que conseguiu após o fim da cerimônia.

Também moradora da Lapinha, a fisioterapeuta intensivista Danielle Freitas, 33, fez questão de participar da festa. "Eu frequento esse evento desde criança. Era levada pelo meu avô". Ela levou até Guti, seu cãozinho.

\*COM A ORIENTAÇÃO DA CHEFE DE REPORTAGEM PERLA RIBEIRO.



MARINA SILVA

Fieis assistiram ao ato cívico por detrás da grade de isolamento

### PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA SEM CORTEJO

**Pela primeira** vez na história, o desfile do Dois de Julho não aconteceu. Membro do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia e devoto do caboclo, o historiador Milton Moura explicou que, desde 1824, um ano após a guerra de independência na Bahia, as comemorações cívicas sempre tiveram participação popular. "Mesmo quando o caboclo não participou, em 1923, pois o substituíram pelo Senhor do Bonfim, o povo esteve presente. Essa devoção e reconhecimento do povo ao caboclo é o grande motivador para essa participação", diz. O próprio professor fez questão de ir à Lapinha, por volta das 12h, após a cerimônia. "Vivo intensamente essa devoção. Mesmo que morasse em outra cidade, estaria com o coração aqui", afirmou.